

Uma outra Brasília?

JOSE HELDER DE SOUZA

Carêce de firmeza, ou mesmo de sinceridade, a afirmativa do presidente da Fibra, lançada para pregar a industrialização do Distrito Federal, ao dizer que Brasília foi feita para abrigar quinhentos mil habitantes.

Na verdade, Brasília — quando se diz Brasília, diz-se o espaço limitado pela cidade propriamente dita edificada para ser a Capital da República e conhecida popularmente como Plano Piloto — foi planejada para abrigar cerca de seiscentas mil pessoas e no seu limite máximo, o dobro. A não ser com uma modificação total de suas linhas urbanísticas e arquitetônicas: mudança do gabarito; dos edifícios de apartamentos e criação de novas zonas. A especulação imobiliária e a pressão migratória já fizeram surgir novos espaços: o Guarã, inicialmente; depois, as Áreas Octogonais, para alegria e fortuna das imobiliárias e seus especuladores. Mesmo assim, com essas e com novas zonas habitacionais já previstas, Brasília não se agigantará ao ponto de chegar aos quatro milhões de habitantes no ano dois mil, aí seria não só a falência completa do plano da cidade como a completa desmoralização da administração do Distrito Federal e da própria República, que se veria forçada a fazer outra capital.

O que não foi dito pela Fibra é que não se previu, nem se podia prever, o crescimento desmesurado das cidades-satélites, ou mais claramente o inchamento do Distrito Federal como um todo, no centro do qual se encontra Brasília. Essa inchação, já se sabe, provém principalmente da migração interna e, muito pouco do crescimento vegetativo da população prevista para Brasília, como quer fazer ver a presidência da Fibra.

O que falhou e é uma ameaça continua para o plano urbanístico de Brasília, foi a falta de vigilância, durante a ditadura, para o desenvolvimento de certas atividades econômicas incompatíveis com a função puramente administrativa da cidade — como o mercado imobiliário — uma verdadeira e constante ameaça à sua identidade de Capital da República e sede da diplomacia, como se está a ver agora com as propostas de industrialização, feitas por homens mais identificados com a atividade comercial que propriamente com a administrativa, como Lindberg Aziz Cury.

Diante dessas verdadeiras desgraças para o urbanismo brasileiro, e para a administração pública, pensamos no que dirão nossos netos, no próximo século, de nosso fracasso na preservação do que melhor se fez em urbanismo neste século, em todo o mundo. Eles, talvez vivendo atormentados do mesmo modo que se vive no Rio, São Paulo ou Nova Iorque, não nos perdoarão, e, por certo, encontrarão outro Lúcio Costa e farão outra Brasília, expurgada das vis, ambições mercantilistas que, hoje, ameaçam e que acabarão infelizmente por destruir e derrogar a cidade tão bem concebida, em termos urbanísticos e arquitetônicos, para abrigar a grandeza do Brasil sonhada por Juscelino Kubitschek e por todos nós. Mas ainda há tempo para salvar Brasília.